

1

Introdução

Essa dissertação analisa diversos dilemas enfrentados por ativistas feministas no processo de escolha entre engajar-se ou não em agendas institucionais do sistema ONU. Esses dilemas gravitam entre arriscar-se a ser cooptado pelos processos aos quais se opõem, possivelmente legitimá-los e/ou contestar e oferecer resistência a esses processos.

O caso sobre o qual se centra a análise é o processo Financiamento do Desenvolvimento (FfD) que culminou no Consenso de Monterrey em março de 2002. Apesar das perspectivas (anunciadas) de frustração, muitos Movimentos Feministas Transnacionais (MFTs) decidiram permanecer engajados no processo até o fim, articulando uma política de engajamento e resistência (chamada por elas de estratégia *inside/outside*). Essa estratégia visa a participar das discussões oficiais criticamente e, ao mesmo tempo, contestar a invisibilidade de como as questões de gênero estruturam o projeto intelectual e prático do desenvolvimento atual. A pergunta de pesquisa que norteia a análise é por que alguns MFTs decidiram permanecer engajados no processo FfD, apesar das perspectivas anunciadas de frustração?

Com o objetivo de estudar a experiência do ator (MFTs) na agenda FfD, a presente dissertação começa com a apresentação, no capítulo 2, de como diversos arcabouços teóricos se encontram nessa experiência: as teorias dos movimentos sociais, as teorias feministas e o campo de estudos do desenvolvimento. Como eixo transversal desses três campos, o ativismo feminista no processo que culminou na Conferência de Monterrey foi enfatizado.

No capítulo 3, então, apresento brevemente o histórico de engajamentos feministas com o sistema ONU, em especial no tema do desenvolvimento, e alguns dilemas envolvidos para em seguida me debruçar sobre a agenda FfD. Assim, esse capítulo tem por objetivo principal contar a história dos (des)engajamentos feministas com essa agenda, analisando algumas das questões que daí advieram.

O capítulo 4 se centra no aprofundamento da análise dos dilemas de (des)engajamentos dos MFTs na agenda FfD, à luz dos arcabouços teóricos já apresentados. Nesse a pergunta de pesquisa é recolocada: Por que alguns MFTs

decidiram permanecer engajados no processo FfD, apesar das perspectivas anunciadas de frustração?

Duas hipóteses de trabalho são levantadas a respeito da decisão de engajamento desses MFTs. Segundo a primeira hipótese, contida nos discursos dos MFTs, essa decisão de engajamento – a priori contra-intuitiva – é decorrência de dois fatores: a percepção da ONU como espaço de engajamento imprescindível; e a importância das bandeiras de luta dentro de um processo de longo prazo e não como busca imediatista de resultados. A segunda hipótese entende essa decisão como permeada de lógicas de poder internas aos MFTs que buscam a manutenção dos espaços institucionais duramente conquistados desde a Década da ONU para as Mulheres. Ambas as hipóteses ajudam a entender o comportamento dos MFTs e a análise aponta para a própria natureza dilemática dessa estratégia.

Antes de embarcar nessa “crônica”, porém, gostaria de ressaltar que de especial importância para o desenvolvimento dessa dissertação foi o privilégio que tive de contar com uma bolsa da PUC-Rio de pesquisadora visitante na Brown University. Durante os três meses de duração do sanduíche, pude acessar o acervo bibliográfico e aproveitar o ambiente acolhedor da Rockefeller Library. Os professores Gianpaolo Baiocchi e Richard Snyder me aceitaram como aluna ouvinte de sua disciplina de doutorado sobre o tema do Desenvolvimento, quando pude participar de debates que me instigaram no processo de construção da minha pesquisa. Gianpaolo, além de tudo, me ajudou como orientador acadêmico durante minha estada em Brown, sendo sempre muito solícito e aberto ao diálogo.

Graças a tantas facilidades, pude utilizar alguns métodos diferentes no desenvolvimento da pesquisa. Fiz uma revisão bibliográfica de livros e artigos acadêmicos que analisam a história do engajamento entre movimentos feministas transnacionais (MFTs) e a ONU no tema do desenvolvimento, em geral, e o processo de Monterrey, em particular. Ao mesmo tempo, fiz uma revisão documental de *briefings* e relatórios oficiais, tanto da ONU quanto dos MFT, sobre o processo de Monterrey.

Em razão da proximidade entre Providence e New York e graças à ajuda de Marina Durano da UNIFEM, pude realizar pesquisa de campo através da observação do Terceiro High-Level Dialogue da Assembléia Geral da ONU sobre FfD, em outubro de 2007, na condição de estagiária da UNIFEM. Na mesma

oportunidade, observei os trabalhos do Women's Caucus para FfD em New York. Tais encontros não aconteceram no período analisado por esse trabalho: de dezembro 1997, quando a ONU lançou o processo FfD, até março de 2002, quando aconteceu a Conferência de Monterrey. No entanto, por serem parte do processo de *follow-up* da Conferência de Monterrey, a observação desses eventos enriqueceu as idéias que levaram à argumentação desse trabalho.

Por fim, a oportunidade de entrevistar algumas das pessoas envolvidas de forma mais intensa no processo foi especialmente importante. Em novembro de 2006, no Rio de Janeiro, entrevistei Gigi Francisco (DAWN), que se dispôs a discutir minhas possibilidades de pesquisa e me encorajou a pesquisar mais a fundo FfD como um bom estudo de caso. Em outubro de 2007, em New York, entrevistei duas pessoas: Marina Durano (UNIFEM) me falou de sua experiência como uma das representantes de DAWN na época da conferência e me encorajou através de seu interesse em minha pesquisa; Nadia Johnson (WEDO) me falou de sua experiência na agenda de Monterrey e me cedeu material fora de circulação que havia sido preparado por WEDO e UNIFEM na época.

Em dezembro de 2007, no Rio de Janeiro, entrevistei Graciela Rodriguez (coordenadora da IGTN) que me ofereceu um contraponto, representando a perspectiva de alguém que não enfatizou a agenda FfD como processo prioritário. Não poderia agradecer o suficiente a disposição de todas elas em responder minhas perguntas e a paciência com que me explicaram seus pontos de vistas e experiências. Esse trabalho não seria o mesmo se eu não tivesse tido a oportunidade de entrevistá-las.

Cabe ressaltar um último ponto em relação ao objeto de pesquisa. Por se tratar de um campo de estudo intrinsecamente interdisciplinar, foi necessário um cuidado redobrado para tratar de forma coerente literaturas que transcendem o saber disciplinar, bem como para não cair na armadilha de engajar-se em um diálogo surdo encerrado na chamada disciplina de Relações Internacionais (RI). Com isso não pretendo negar a existência de um meio acadêmico que dialoga com jargões próprios em conferências e periódicos específicos, a partir de certas agendas de pesquisa, e que atende pelo nome de disciplina de Relações Internacionais.

Porém, até há pouco tempo, os Movimentos Sociais Transnacionais eram uma agenda de pesquisa praticamente inexistente no campo das RI. E até o

momento, salvo algumas boas exceções, essa agenda nas RI dialoga pouco com os desdobramentos teóricos das teorias de movimentos sociais das Ciências Sociais. Além disso, os estudos de gênero, marginalizados no campo das RI, e os estudos do desenvolvimento são também interdisciplinares por natureza.

Assim, pela dificuldade de tratar todos os aspectos transdisciplinares desses arcabouços teóricos – inclusive do campo de estudos do desenvolvimento –, decidi fazer um recorte teórico em torno das experiências de alguns atores (MFTs) em um espaço específico (a agenda FfD). A escolha por preferir a experiência de outros atores – como governos, Organizações Internacionais e outros Movimentos Sociais Transnacionais – foi consciente e estas só foram trazidas à tona em momentos que permitiram entender melhor o contexto e a singularidade da experiência dos MFTs. A escolha do caso da participação dos MFTs na agenda FfD se justifica pela profusão de dilemas envolvidos em um engajamento que tinha perspectivas “anunciadas” de frustração e que, por isso mesmo, permite análises interessantes do ativismo feminista transnacional.

Feitas essas ressalvas e introduções, o capítulo 2, a seguir, está centrado na apresentação dos arcabouços teóricos que se encontram nas experiências dos atores aqui analisados.